

A light blue map of the state of Bahia, Brazil, with its municipal boundaries outlined in white. A specific region in the eastern interior is highlighted with a red and green border. The text 'Bienal III' is overlaid in a large, bold, grey font across the center of the map.

Bienal III

Bienal do Sertão de Artes Visuais. Vitória da Conquista - BA, 2017.

Bienal do Sertão de Artes Visuais

Bienal do Sertão de Artes Visuais

Edição III. Vitória da Conquista, BA.

02 a 31 de outubro de 2017



Programa:

Dia 02 de outubro.

Abertura do Núcleo Histórico no Museu Regional Henriqueta Prates,
às 16h.

Abertura do Núcleo Contemporâneo na Casa Régis Pacheco, às 20h.

Visitação até dia 31 de outubro.

Gratuito.

Praça Tancredo Neves, Centro. Vitória da Conquista – BA.

© **Bienal do Sertão de Artes Visuais**

Edição III Vitória da Conquista - BA.

02 a 31 de outubro de 2017

Equipe 2017

Comissário Geral /Curadoria: Denilson Conceição Santana

Assessoria de imprensa e jornalismo: Mídia Bienal do Sertão

Montagem: Denilson Santana, Isabelle Santos da Silva, Juliana Pessoa, Celise Dalla Costa

Edição: Editora Faz de Conta

Fotografia: Lorena da Silva Dantas

Mídia eletrônica: www.bienaldosertao.wix.com/bienaldosertao

SERTÃO, Bienal de Artes Visuais.

‘Bienal do Sertão de Artes Visuais 2017’. Edição III, Vitória da Conquista -BA/
(2017). Organização e curadoria Denilson Conceição

Santana. Editora Faz de Conta, Santo Amaro -/Bahia/ Brasil, 2017.

Obra sob Registro: Biblioteca Julieta Carteadó, Universidade Estadual de Feira de
Santana. SISBI.

60 p.: il. Color. 21x21 cm

Edição em Português.

1. Bienal. Artes Visuais, Contemporânea. História da Arte.

No Sertão... não se aprende a pedra: lá a pedra, uma pedra de nascença, entranha a alma..

João Cabral de Mello Neto

**Carlos Medina
Celise Dalla Costa
Claudia Tavares
Davilym Dourado
Denilson C.Santana
Élcio Miazaki
Felipe Bittencourt
Gabriel Bicho
Isabelle Santos da Silva
Jean Araújo
Josie Lins
Juliana Pessoa
Lorena da Silva Dantas
Luanna Jimenes
Monique Brandão
Natalia Coehl
Romário Batista
Silvana Mendes
Thales Luz
Yara Pina**

Bienal do Sertão de Artes Visuais

Edição III. Vitória da Conquista, BA.
02 a 31 de outubro de 2017

Vitória da Conquista, palco da III Edição da Bienal do Sertão de Artes Visuais

Vitória da Conquista na Bahia é a maior cidade interiorana do Sertão. Sua população é 350.284 habitantes, o que a faz dela a terceira maior cidade do estado da Bahia e a quarta do interior do Nordeste. Capital regional de uma área que abrange aproximadamente oitenta municípios na Bahia e dezesseis no norte de Minas Gerais.

O Arraial da Conquista foi fundado em 1783 pelo sertanista português João Gonçalves da Costa, nascido em Chaves em 1720, no Alto Tâmega, na região de Trás-os-Montes. Anteriormente já havia lutado ao lado do Mestre-de-Campo João da Silva Guimarães, líder da Bandeira responsável pela ocupação territorial do Sertão, iniciada em 1752. A origem do núcleo populacional está relacionada à busca de ouro, à introdução da atividade pecuária e ao próprio interesse da metrópole portuguesa em criar um aglomerado urbano entre a região litorânea e o interior do Sertão. Portanto, integra-se à expansão do ciclo de colonização dos fins do século XVIII.

Os relatos mais precisos sobre os índios, os colonizadores, a botânica e os animais que aqui viviam no período da colonização, foram feitos pelo Príncipe Maximiliano de Wied Neuwied, naturalista e botânico alemão, no livro "Viagem ao Brasil", no trecho "Viagem das Fronteiras de Minas Gerais ao Arraial de Conquista", quando aqui passou em março de 1817.

Vitória da Conquista também se destaca por possuir um setor educacional privilegiado, formado por excelentes escolas conveniadas com as melhores redes de ensino do país, como, por exemplo, o IBEN (Instituto Baiano de Educação de Negócios), conveniado à Fundação Getúlio Vargas, além de contar com várias faculdades, tais como: UCSal, UNIT, FAINOR, FTC, Faculdade Maurício de Nassau, Faculdade Santo Agostinho, UNIP, UNOPAR, UFBA, IFBA, UESB (uma de nossas parcerias apoiadoras da Bienal deste ano) e, futuramente a UFSBA (Universidade Federal do Sudoeste da Bahia), o que a consagra como um importante pólo de educação superior com cerca de 12 mil universitários, não só para o estado da Bahia, como para todo o Brasil.

A cidade oferece como atrações turísticas o Cristo Crucificado da Serra do Peripiri, de Mário Cravo, executada entre os anos de 1980 e 1983, com as feições do homem sertanejo, sofrido e esfomeado, medindo 15 metros de altura por 12 de largura, a Reserva Florestal do Poço Escuro e o Parque da Serra do Peripiri, onde se encontra a espécie endêmica *Melocactus conoideus*, além de eventos como São João da cidade e o Festival de Inverno da Bahia, O Museu da História Política, Casa de Régis Pacheco, local da exposição do núcleo contemporâneo da Bienal, contém um acervo de quadros e arquitetura preservada da metade do século XX, e o Museu Henriqueta Prates, integrado a UESB e espaço da Exposição do Núcleo Histórico desta edição da Bienal.

Entre os atrativos turísticos da cidade, encontra-se o "Poço Escuro", uma reserva florestal sob administração do poder público, com diversas trilhas e flora e fauna preservadas. Na Serra do Peripiri nasce o Rio Peripiri, em torno do qual João Gonçalves da Costa fundou a Arraial da Conquista, em 1783.

Vitória da Conquista tem um clima tropical de altitude por causa da elevação da cidade, com média de 923 m e mais de 1.100 m nos bairros mais altos. Por isto, é uma das cidades mais amenas das regiões Norte e Nordeste do país, registrando temperaturas inferiores a 10°C em alguns dias do ano.

Característica forte da curadoria nesta edição, o tema “Unindo sertões” reivindica, explora e re-traduz, em base da etimologia do termo ‘sertão’, que condensa várias hipóteses para a origem e cunhagem do mesmo, ao qual pode derivar da expressão "desertão" (ou seja, "deserto grande"), utilizada pelos portugueses para se referir às regiões despovoadas da África Equatorial, ou pode provir do quimbundo muchitum, "mato". Pode vir de Domingos Afonso Sertão, que, em 1676, teria recebido uma sesmária às margens do rio Gurgueia, no atual estado do Piauí, no Brasil. À vila de Sertã, Portugal, pode haver referência. Já a utilização do termo para se referir ao interior da região Nordeste do Brasil popularizou-se a partir da publicação do livro ‘Os Sertões’, de Euclides da Cunha, em 1902, que retratou a região.

Já o ‘sertanismo’ é uma atividade exercida por sertanistas, exploradores que se aventuram pelo interior do sertão brasileiro, em busca de conquistas, riquezas ou com interesses sobre beleza natural. No período colonial brasileiro, eram normalmente chamados de bandeirantes e foram os principais responsáveis pela extensão das fronteiras do país, fazendo-as chegar à sua configuração atual.

No século XX, a palavra 'sertanista' passa a designar o indivíduo que conhece profundamente a parte do território mais afastada das áreas urbanizadas e ainda não colonizada pelos 'brancos'.

Na Arte Contemporânea, equivale-se a dizer a quem busca no seu objeto de estudo e integra a sua devoção de instinto, espiritualidade, independência, dedicação, produção, percepção e mergulho na paisagem de forma definitiva em torno da obra de arte e saudar, como saudamos aqui, estes importantes artistas e suas obras pela aura e veemência desta exposição.

"Unindo Sertões"

“Unindo Sertões”. Este é o tema desta edição da Bienal do Sertão de Artes Visuais, onde o conagração de idéias, atos e fusões, experimentalismos estéticos, processos e diversidade pictórica em todos os sentidos, se abarcam num itinerário voltado para valores artísticos, educacionais, de intercâmbio e de acervo histórico.

Não é à toa, que, devido ao sucesso nas edições anteriores, foram mantidas as participações de instituições convidadas, a respeito do patrimônio antropológico e de resgate cultural destes povos, envolvidos com maneiras outras de pensar e de se evoluir perante seus percalços e que numa arte plural e desenvolvimentista encontra refúgio.

Como Núcleo Histórico, O Museu Regional de Vitória da Conquista ‘Henriqueta Prates’, ligado à Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, dará suporte e exposição de acervo de peças durante o período da Bienal, tendo também a Casa Régis Pacheco, órgão administrado pela Secretaria de Cultura da Prefeitura local, nosso Núcleo Contemporâneo, composto de pinturas, desenhos, instalações, fotografias e novas mídias, provando assim a importância deste projeto com as instituições de ensino, pesquisa, cultura e ciência, como parceria distinta desde o início da Bienal, a quem nos acolheu e deu sua real distinção a este.

A Bienal deste ano entra num parâmetro importantíssimo e exemplar para o calendário artístico do nosso país, a partir desta região tão riquíssima e eloquente em fantasias e humanismos, e alude ainda a outras bienais espalhadas pelo mundo como fonte de conhecimento e divulgação de obras e artistas de várias nações que encontra e encontrará abrigo nesta edição.

Denilson Conceição Santana
Curador



NÚCLEO HISTÓRICO



Museu Regional de Vitória da Conquista

Casa Dona Henriqueta Prates

O prédio data de 1883 e funcionava como residência. Em 1992, foi alugado pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e passou a abrigar o Museu Regional de Vitória da Conquista. Possui um acervo de peças valioso para a cultura e tradição do povo do sertão, seus costumes e crenças ao longo dos anos, como: objetos, pinturas, utensílios diversos, brinquedos, equipamentos, livros, documentos, matérias de uso diário e outros.

Praça Tancredo Neves, 141 – Centro
Vitória da Conquista – BA. Cep 45000-650
Horário de funcionamento: das 09h às 18h
Diretora: Valquíria





NÚCLEO CONTEMPORÂNEO



Memorial Casa Régis Pacheco

Foi residência do ex-prefeito e ex-governador Régis Pacheco. Também foi sede do Conservatório Municipal de Música. Atualmente, depois de restaurado por meio de parceria entre a Prefeitura Municipal e o Ministério da Cultura, sedia o Memorial Governador Régis Pacheco.

Praça Tancredo Neves, Centro
Vitória da Conquista - BA. Cep 45000-650
Horário de funcionamento: das 09h às 18h
Diretora: Mercia

Isabelle Santos da Silva

"Coroa" é um trabalho que trata da história e do tempo. Através da imagem representa a majestuosidade da velhice e sua delicadeza.

O trabalho parte da comparação da velhice com galhos secos, que mesmo tão frágeis ainda representam muita vida. Ao transformar os galhos em adornos da realeza, a fragilidade é ressignificada, mostrando sua força e riqueza.

A senhora fotografada é Dejanira, nascida e criada no sertão da Bahia, viveu parte de sua vida submissa ao marido, até que um dia tomou coragem e fugiu daquela vida cruel, levando consigo os oito filhos, reconstruindo então o próprio reino.

Nascida em São Paulo, Isabelle Santos é graduanda em Bacharelado e Licenciatura em Artes Visuais na UNICAMP.

Trabalhou como tutora de deficientes visuais numa escola de rede privada em São Paulo e desde então tem interesse na arte e educação inclusivas. Nos últimos anos deu algumas oficinas de artes para crianças e tem se dedicado a estudos sobre arte e educação. Dedicou sua produção artística a diferentes linguagens, como: desenho, gravura, escultura, fotografia, entre outras.



'Coroa'
Fotografia digital
23 cm x 32 cm
2015

Josie Lins

Meus projetos surgem em forma de desenhos, pinturas, xilogravuras, fotografias ou escultura em pedra e/ou madeira. Não sou mestre em nenhuma dessas técnicas, mas estou aprendendo e desenvolvendo a cada dia. Sempre encontro alguém muito experiente para me ensinar o que eles levaram toda a vida para aprender. Sou muito grata por isso. Crio peças que falam da relação entre o homem e a natureza. Sempre com a esperança de que as pessoas as vejam e reconheçam em si mesmas a capacidade de ajudar ou prejudicar o mundo natural. Cresci no agreste pernambucano, mas foi no sertão, na cidade de Triunfo-PE, que meu coração recebe inspiração. Me inspiro nos meus sonhos e utilizo as lembranças que tenho deles. Eu reproduzo paisagens de sonhos incomuns, povoadas com cenas extraordinárias, sempre relembro deles com muita clareza. Eu sempre amei animais, biologia e afins, e assim fui atraída para os elementos da ciência natural e suas ilustrações, no entanto, só depois de ter visto um documentário de Tom Killion, enquanto estudava em Toronto-CAN, percebi que eu poderia criar um trabalho relacionado com o que eu era apaixonada. Até hoje, o trabalho de Tom Killion é para mim uma das mais fortes influências visuais, porém, não sou influenciada necessariamente por um só artista em particular, mas, vários, como, pelas obras de Gilvan Samico, Charles Beck, Ariano Suassuna e do Movimento Armorial. Jaime Nicola, foi meu mestre e me introduziu no mundo das esculturas em pedra e madeira.



“Som da caatinga”
Xilogravura
70 cm x 22 cm
2016

Davilym Dourado

O ensaio 'Chuva Fora de Lugar' foi realizado no ano de 2012, focalizando, enquanto registro de uma realidade na sua dimensão factual e na sua perspectiva poética, uma geografia marcada pela maior SECA e a maior CHEIA dos últimos trinta anos nas regiões norte e nordeste do Brasil.

As imagens retratam de forma pontual e poética a força da natureza em detrimento da fragilidade humana, sobretudo diante dos acontecimentos climáticos naturais e ou resultantes da ação do homem na natureza. As regiões registradas foram severamente castigadas pelas inconstâncias climáticas e colocam o homem numa situação de total vulnerabilidade.

O ensaio é resultado de uma proposta que funde estética formal e documento histórico-geográfico, retrata e denuncia o atual problema das mudanças climáticas decorrentes da ação do homem junto ao meio ambiente, a participação política voltada para a transposição fluvial no Brasil e, por consequência, questões de ordem econômica e reflexos da natureza humana que, evidentemente, são componentes dessa realidade geográfica e social.

Por tais razões, o artista propõe uma reflexão em torno de questões sobre o lugar do homem na natureza e sua capacidade para se adaptar a situações climáticas extremas, apontando e anunciando, pela própria matéria e natureza do evento, a possibilidade de uma geografia mais humana, levando em consideração a própria natureza como protagonista desse ensaio.

Jorge Miguel Marinho, escritor



'Chuva Fora de Lugar'
Fotografia

Celise Dalla Costa

Quando conheci o tema da Bienal dos Sertões logo me remeteu à literatura de cordel com suas maravilhosas obras em xilogravuras. Então pensei: que tal seria aquarelas apresentadas como as poesias de cordel?

A fauna do sertão é pulsante em riqueza. Assim decido pintá-los!

Pinto aqueles que na sua exuberante beleza provocam o imaginário popular, com sua literatura, mitos e músicas: a arara maracanã, arara verde que encanta e atrai a cobiça do contrabando, e está sendo reintroduzida no sertão da Bahia desde 2016; a Acauã em seu canto que para alguns prenuncia a morte de um conhecido, e para o baião de Gonzaga, chama a seca do sertão; o triste e gentil jegue, vedete no cordel, que depois de muito trabalhar, muito carregar, ajudando a construir o nordeste, foi abandonado pelas rodovias e descampados; a sua majestade urubu-rei, robusto e colorido animal, que no sol a pino se banqueteia sobre a carniça deixada no rastro da indústria da seca.



“Aquarelas de Cordel”
Arara verde, Em canto de acauã, Triste e gentil jegue, Sua majestade – o urubu rei
Aquarela sobre papel
30 x 42 cm
2017

Gabriel Bicho

Chão é marca, cangaço, as cores, o céu, tios poetas, ser de tu, sofrer, com rachaduras viu-se um pé batido, vem chuva ouro, lavessa terra, dignifica o povo que clama, fiéis, anéis, de péis, e o mugunzá do dia borbulha no fogo, enche barriga de menino valente, na visita um café, essa fé hoje é, vida, das marias, e quantas marias se fez, se faz, nordeste, ajuntamento de amor, sonhos e poesia, autenticada, paz.



“Ser teu, seu tão”
Fotografia,
Políptico. 2016

Juliana Pessoa

Deus, mesmo, se vier, que venha armado.

João Guimarães Rosa

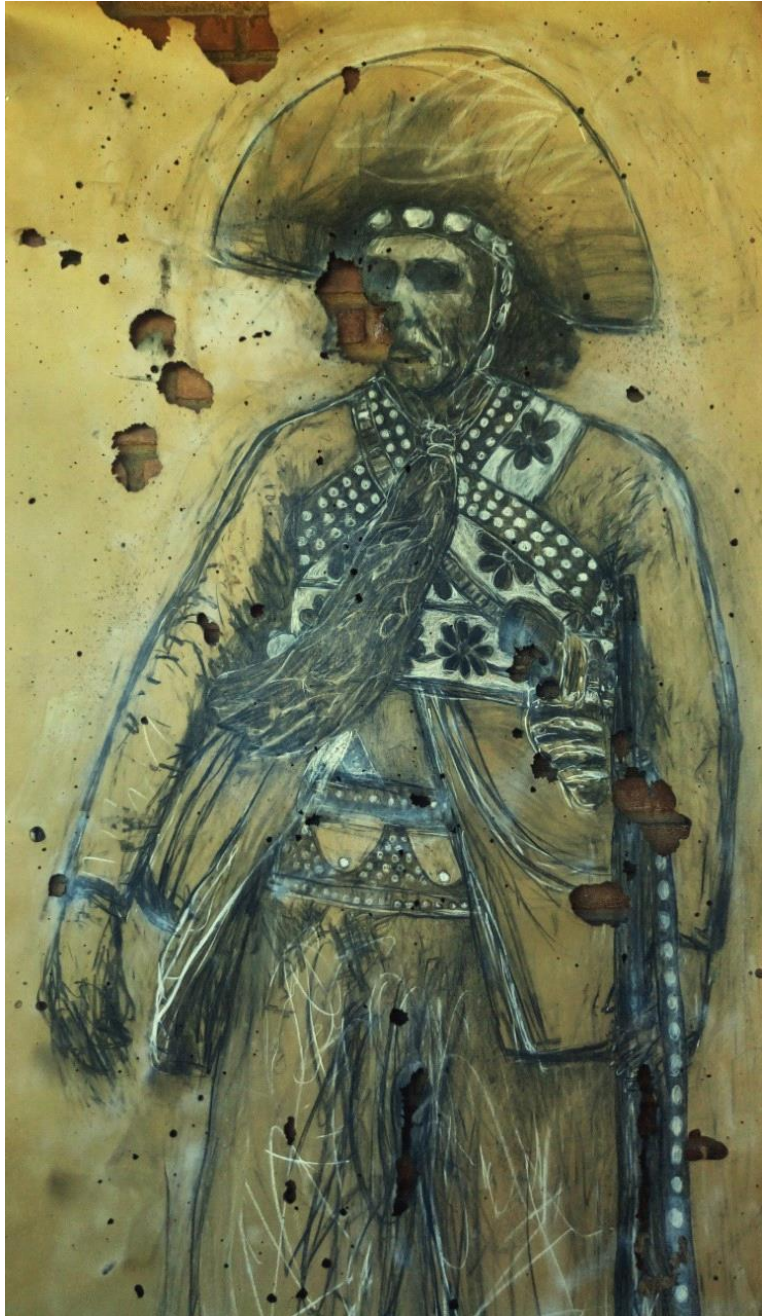
Os desenhos desta exposição pertencem a uma série de trabalhos baseados em um vasto acervo de fotografias, que retratam dois episódios de nossa história nacional (ou com eles se relacionam) – as sagas do arraial de Belo Monte (Guerra de Canudos) e do grupo do cangaceiro Virgulino Ferreira, o Lampião. Homens e mulheres que se aventuraram a dizer não à opressão e sacudiram *as sandálias à porta da civilização*, indo em busca de uma existência autônoma e digna, livre das opressões do Estado, do clero e dos coronéis¹. Porém, apesar da sua importância e grandeza, permanecem de um modo geral, como notas de rodapé da historiografia oficial; sendo vistos muito mais como índices de nosso atraso e subdesenvolvimento, motivo de deboche ou vergonha. *Uma gente rústica, atrasada, defasada, tão digna de destruição em massa²: fezes do ócio e da miséria³.*

Dadas as limitações de nossa memória e a cegueira em relação a nossa história, estes trabalhos pretendem oferecer uma pausa no turbilhão de nossa época, para uma prosa, nonada, sobre um grande sertão onde viveram *gerações e gerações de Cangaceiros, rudes Beatos e Profetas, assassinados durante anos e anos*. Desse modo, o propósito desta série de trabalhos é iluminar algumas das *rotas do nosso passado recente*. Afinal, tudo aqui é passado – justamente por isso não cessa de tecer o presente, pois: *tudo o que já foi é o começo do que vai vir, toda a hora a gente está num cômputo.*

¹ Cf. Machado de Assis. Em: Jornal Gazeta de Notícias, 22 de julho de 1894.

² Frase extraída do documentário de Rosenberg Cariry, *O caldeirão da Santa Cruz do deserto*.

³ Frase extraída do discurso de Ruy Barbosa. Em: Walnice Nogueira Galvão. *No calor da hora*.



Sem Título.
Desenho
Giz, carvão e pólvora sobre papel
90 x 2,00 cm

Thales Luz

Descampado é um trabalho que se dá a partir de imersões em regiões semi-áridas do interior do Piauí como parte do processo da pesquisa Ossuário. Vivenciar esses descampados em um trabalho de coletar ossos e carcaças de animais provoca uma série de questionamentos acerca de ideias que envolvem a ancestralidade no que diz respeito à materialidade dos corpos que existem compostos e decompostos no espaço como marcas que o inscrevem e o constituem. De maneira recíproca, penso a partir desse trabalho, na materialidade dos espaços como agentes que inscrevem, constituem e desconstituem os corpos que nesses espaços existem.

Trata-se de um movimento de sensorialidade compartilhada. A relação sensorial provocada por essa experiência tem como proposta tensionar a ideia de sensorialidade não apenas fechada no corpo como uma capacidade interna, mas também como algo autônomo a ele, na superfície das coisas, que podem permear o corpo como uma experiência perceptiva.

Sensorialidades interiores e exteriores passam uma para outra, emergindo assim um corpo como encruzilhada. É na maleabilidade desse corpo que emerge como cruzamento dos acontecimentos que o inscreve, que percebo ser possível se tratar da ancestralidade com um movimento que se dá no corpo.



'Descampado'
Fotografia
2017

Claudia Tavares

O projeto 'Um Jardim em Floresta' conta uma estória que tenta aproximar duas localidades.

Trata da questão do excesso e da falta de água, através de uma ação que começa no Rio de Janeiro, e se completa na localidade de Floresta, sertão de Pernambuco, região atingida por severas e longas secas. Lá não chove há três anos.

A ação se baseia em retirar o excesso de umidade do meu ateliê no Rio, por meio de desumidificadores, acumular essa água em garrafas de vidro e levá-la ao sertão para regar um jardim que seria construído lá.

Por dois anos engarrafei essa água, pensando na seca que impede a proliferação do verde e da vida em Floresta.

Em janeiro de 2016 fui do Rio à Floresta, levando comigo cerca de 180 garrafas de água. Durante cinco dias viajei por cidades/lugarejos vizinhos buscando mudas de planta. Consegui seis caixas de mudas para o plantio. As mudas foram dadas de presente por pessoas que cultivam jardins.

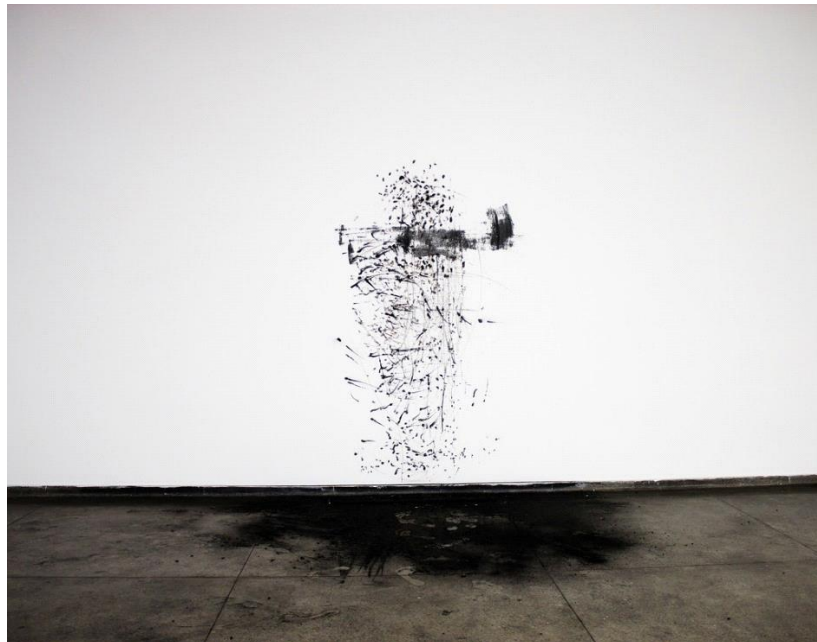
Voltando a Floresta, construí um jardim, reguei com a água transportada. Choveu. Fotografei e filmei o processo.



'Um Jardim em Floresta'

Yara Pina

Em 'Sem título 6', a artista agride sua sombra projetada com bastões carbonizados, deixando marcas da violência em carvão inscritas na parede. O vídeo-performance é resultado de registros que foram sobrepostos, ou seja, uma câmera espiã foi utilizada para filmar o vídeo original que documentou toda a performance. O vídeo apresentado é, portanto, o "registro do registro" de sua ação.



'Sem título 6'
Sombra agredida com bastões carbonizados
Vídeo. 16'49
2016

Natalia Coehl

“Descartar é uma ação onde se destina “para algum lugar” algo que não tem mais utilidade. Utilidade é qualidade de um bem ou serviço que o torna apropriado para satisfazer os desejos dos agentes econômicos. Lixo é aquilo que se joga fora por não ter mais utilidade ou por ser “velho” (Dicionário Língua Portuguesa – Editora Porto). Pensando nos significados de descartar, utilidade e lixo, questionei a minha real utilidade como mulher, nordestina, artista e não apropriada aos agentes econômicos. A identificação com o lixo foi inevitável e por isso resolvi me descartar para tentar entender qual a sensação física de não servir mais para a sociedade.

Literalmente me coloquei dentro de um saco de lixo preto, deixando apenas a minha cabeça para fora, e me positionei próxima a outros sacos de lixo amontoados na rua, à espera que alguém se relacionasse comigo. E desse encontro, perguntava se poderia me levar para outro lugar, explicando que o lixo só conseguiria se movimentar a partir do outro.

Corpo em experiência conversando com o espaço público são relativamente a síntese do trabalho que venho desenvolvendo ao longo desses anos. Diante de uma intensa pesquisa em dança e teatro físico, me veio a necessidade de por meu corpo para vivenciar ações e imagens, pensando em questionar temas delicados através da relação física com o espaço público. Outro elemento que julgo importante é a oposição que se dá a partir da materialização de uma imagem “incomum” em um espaço público. A palavra incomum vem entre aspas para informar que as imagens são, para mim, formas de por meu lado interno para dialogar com a sociedade, ao exprimir imagetivamente a impressão que tenho dela. Interesse-me em por meu corpo em situações desagradáveis, acredito que assim consigo chegar numa comunicação inconsciente, trazendo emoções variadas para quem é pego de surpresa na rua, causando desconexão dos padrões imagéticos. O intuito de desestabilizar e transformar a paisagem mental dos transeuntes, nem que seja por alguns segundos. Acredito que, as reflexões geradas neste encontro, serão levadas pelo caminho.



'Descarto-me em Coro'
Vídeo. 3'03

Luanna Jimenes

A performance “Permanência Para o Encarnado” é resultado da investigação (teórica e prática) acerca da complexa questão das identidades do brasileiro, seguindo o mito de origem do Brasil a partir do histórico e impactante encontro entre o indígena e o português no século XVI. A referência mais marcante neste percurso é o pensamento de Roberto Gambini (“Brasil outros 500: uma conversa sobre a alma brasileira” e “O Espelho Índio - os jesuítas e a destruição da alma indígena”). A pesquisa ganhou desdobramentos em 2013 no ateliê de criação no Centro em Movimento - estrutura transdisciplinar de investigação artística nos estudos do corpo e do movimento - em Lisboa Portugal, onde durante sete meses teve orientação de Sofia Neuparth. Em 2014, o projeto foi contemplado pelo programa de residência em artes performativas da Associação ATALAIA de Ourique /Portugal.

O tema tão complexo, que permite abordagens diferentes e múltiplas, nessa criação em dança se dá pela perspectiva do encontro, como os que se deram na travessia da artista em Portugal. E, no encontro dos passantes com a figura instaurada: “o que é isto?”, “é uma pessoa?”, provavelmente perguntas feitas em relação aos indígenas.

Esse trabalho é um incentivo para refletir sobre o Brasil, acrescentando aos conhecidos dados históricos do descobrimento outras camadas de entendimento.

A dança que sustenta a duração é a expansão da respiração com dimensões e tempos orgânicos, sendo, portanto, um expandir e recolher até limites extremos, alternando uma figura grande a outra pequena próxima ao chão. As pausas no percurso permitem ao corpo múltiplas leituras em relação à paisagem ou a arquitetura. O figurino de tecido preto encorpado e com algum brilho confunde o corpo com um objeto.



'Permanência para o encarnado'

Carlos Medina

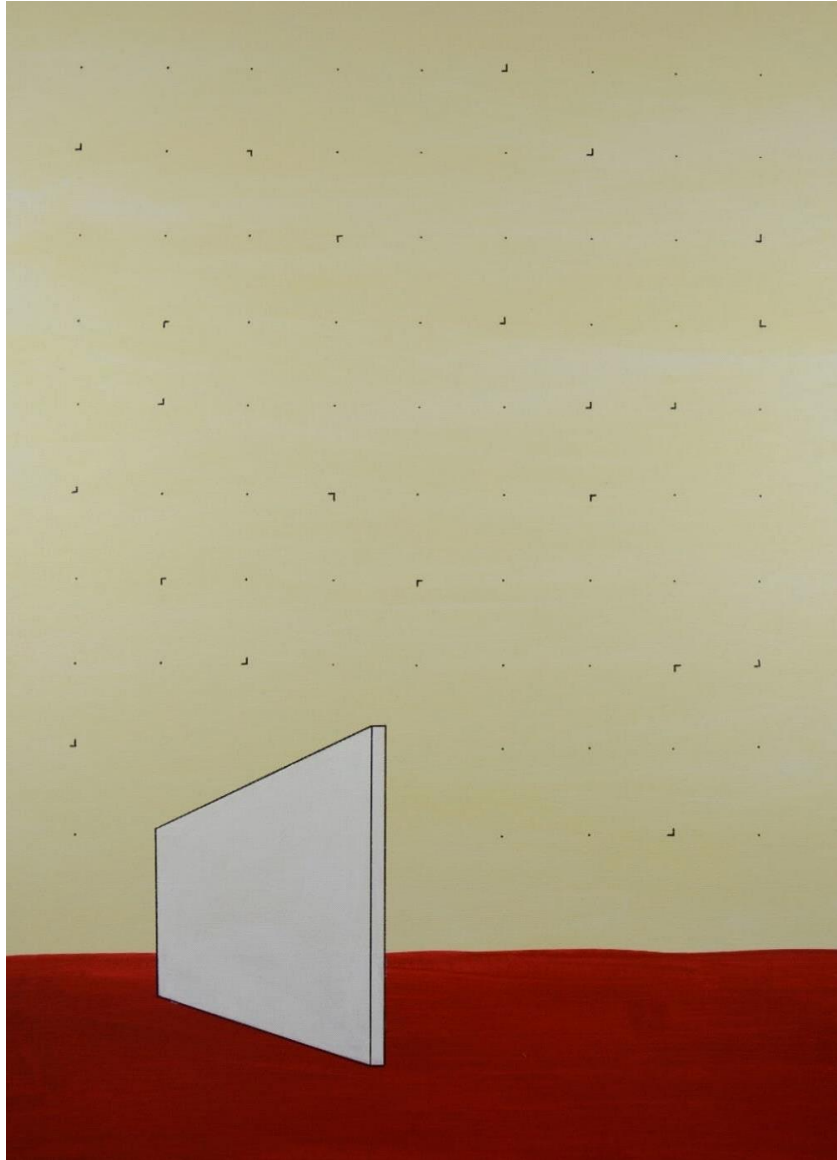
HORIZONTES, ARQUITETURAS e SUAS REDES NEURAI

Na atual pesquisa, pintura, esculturas e instalações são desenvolvidas a fim de comporem reflexões sobre ambientes e espaços imaginários na qual a matemática e a racionalização são imperativas.

Lugares onde idéias, decisões e sentimentos muitas vezes se misturam a ambientes organizados e metrificados no intuito de perpetuar uma calma e silenciosa relação. Espaços esses que não seguem necessariamente a lógica visual ou espacial a qual estamos intimamente acostumados, mas que tentam remeter o espectador a uma sinergia orgânica e permanente. Coleções de momentos, paralisados na forma de pinturas e colagens também são desenvolvidos em torno dessa pesquisa.

Números, símbolos, marcações, rotas, retas, controles, trajetos... são elementos frequentemente adicionados às peças a fim de propiciar tais discussões. Tais representações buscam colocar o espectador em um plano de interpretação subjetiva e dúbia daquilo que inicialmente contemplamos e reconhecemos.

Produz representações imaginárias de paisagens e ambientes, considerando a matemática e a ordenação como procedimentos de criação. As ambiguidades entre a lógica e a experimentação são questionamentos constantes em seus projetos que consistem em pinturas, instalações e esculturas.



'Wall #006, 2016. Série: Diamond Walls'
Acrílico e caneta sobre tela
70 x 50 cm

Monique Brandão

As duas pinturas apresentadas fazem parte de uma série de auto-retratos em que minha cabeça é representada fundida ao corpo de algumas aves, numa ação antrozoomórfica. A minha cabeça, parte racional, representa a consciência humana, já que a minha vontade não é extinguir essa consciência. A idéia é que o homem absorva as características do animal, que vive de forma natural e livre, matando apenas para sua sobrevivência, e sentimentos ruins como vaidade, inveja ou raiva não devem aparecer e causar problemas nesta nova situação que crio ao fundir dois corpos diferentes.

Na série, elejo um deslocamento, percebo os animais como capacitados, donos de potências que me interessam e o ser humano tomando seu lugar. A intenção é fazer o humano se inspirar nos animais, em seu jeito de viver a vida. Apesar de muitas vezes o termo "animal" ser usado como ofensa ao homem, qualidade do homem estúpido, aquele que é próprio ou referente ao irracional, uso o termo animal com o intuito de exaltá-lo. Os animais não visam um conhecimento para o futuro, mas vivem a realidade do momento, se expressam de uma maneira natural para a vida. Minha proposta é que o homem se conecte com o animalesco e permita-se viver numa relação mais próxima com a natureza.

Meu trabalho não pretende ser uma solução para os problemas humanos, mas uma invenção de mundo que sugere novas formas de olhá-lo e de vivenciá-lo. É uma espécie de convite para a possibilidade de sermos animal, e que assim novas possibilidades possam ser imaginadas. O intento dos meus auto-retratos é provocar um olhar sensível, ampliar a percepção de territórios, despertar para a sutileza do imaginar, ampliar a percepção do animalesco através da observação das aves, seus territórios, fábulas e lendas a elas ligados, incluindo características físicas que revelam habilidades, dificuldades e curiosidades em sua *performance*. É se compor com seu ambiente e suas relações internas.



Série Devir-ave: *Tântalo-indiano*. Tinta para tecido, giz pastel e lápis de cor sobre papel. 58 x 38 cm. 2017

Série Devir-ave. *Flamingo-chileno*. Tinta para tecido, giz pastel, lápis de cor e massa corrida sobre papel jornal. 66 x 49 cm. 2015

Felipe Bittencourt

Mora e trabalha em São Paulo - SP, utilizando a *performance* e o desenho como bases de pesquisa e desenvolvimento de seus trabalhos. Bacharel em Artes Visuais.

Este trabalho consiste em 365 desenhos, feitos um por dia durante um ano, que tratam de idéias para possíveis performances.

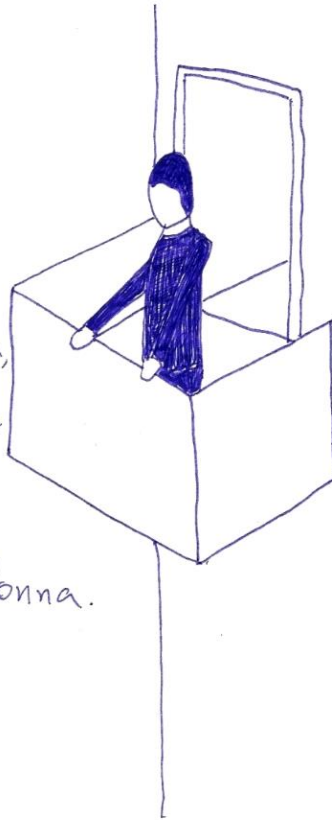
Nenhuma das performances foi, de fato, realizada tendo, assim, o ato de desenhar diariamente como sendo a performance em si.

Como os desenhos tinham a regra de serem executados diariamente, naturalmente acabaram sendo um refletor de meu estado emocional. Alguns são muito tristes, outros agressivos, bobos, divertidos, suicidas, etc.

Portanto, o trabalho serve, também, como uma cartilha sensível de um ano de existência.

Evita

Em uma varanda,
o performer deve
cantar alguma
música da Madonna.



30/04/11

Élcio Miazaki

Indumentária, criada pelo próprio artista, em que são utilizadas gavinhas de maracujazeiros. Essas estruturas, encontradas em determinadas espécies vegetais, são um meio à procura de apoio, evidenciando a insustentabilidade do caule por si só. Vale salientar que a cultura escolhida é originária de países tropicais, incluindo o Brasil, lembrando a característica de território colonizado e como esse fator parece intrínseco às associações que um pé de maracujá pode gerar (com o exotismo, por exemplo). Nessa série, foi trabalhada também a dualidade que significam as vestes. Sentir-se protegido ou proteger estruturas tão frágeis. Afinal, quando nos vestimos, o corpo também pode ser entendido como um meio de sustentação dessas peças. Com algumas frentes de trabalho, existe a possibilidade de o projeto ser considerado uma 'botanicamorfização', ou correlações com discussões que culminem nas diferenças entre simbiose e parasitismo, além do paralelo entre as formas de vidas vegetal e humana. Fatores de fascínio, estranhamento e repulsa tem sido determinante nas formas de representação e o projeto permite a observação a um ser humano que não consegue esconder suas fragilidades. Antes do ensaio fotográfico, também realizado pelo artista, foram feitas simulações por meio de desenhos para direcionar o ensaio.

Algumas observações:

- 1_ A veste destinada ao tronco apresenta as gavinhas alinhadas à coluna vertebral. A fixação é concluída pelas cintas costuradas e posicionadas de forma a remeter a camisas de força, que impossibilitam liberdade na movimentação;
- 2_ A espécie da saia possui, paradoxalmente, como referência o tradicional 'hakamá' (usado por guerreiros japoneses), onde as pregas possuem significados como características de civilidade, humanidade e dignidade. As aberturas laterais revelam as gavinhas localizadas à altura dos quadris.



“Ensaio fotográfico”
Dimensões variadas

Silvana Mendes

Tem como proposta inicial (na forma de lambe) demonstrar a inquietude com o isolamento e sacralização de bustos (estes, presentes no Museu Histórico e Artístico do Maranhão), desconstruindo e questionando a forma solidificada deles no meio urbano e museológico, a solidão dos mesmos ao meio em que são inseridos usando como suporte o lambe nesse deslocamento dos bustos pela cidade os levando para passear pelos espaços, nessa intencional provocação de levar esses elementos tão precisamente protegidos presentes no museu para a rua dando-lhes essa sensação de vulnerabilidade e efemeridade que o lambe traz com toda sua potência e fragilidade. A obra é posta para questionar do que se tratam essas representações humanas na dessacralização desses personagens, fazendo outras leituras e desenvolvendo a sensibilidade do olhar para os elementos visuais que eles representam.



“Solidão dos Bustos”
Lambe
Dimensões variadas

JEAN ARAÚJO

A representação dos Orixás do candomblé acompanhou a arte do século XX e já se atualiza nos primeiros decênios do século XXI. Jean Araújo observa signos e insígnias que distinguem os deuses afro-brasileiros, começando por Exú, a quem sempre precisamos antecipar os pedidos de licença e proteção. Nesta série atual, o artista escolhe um primeiro foco da ampla cosmogonia, a representação das Iyabás (deusas femininas). Com isso, Jean se interessa em oferecer ao negro a face gloriosa e, conseqüentemente, espiritual. Para tanto, parte-se de fotografias apropriadas ou produzidas pelo próprio artista. Os corpos, então, ganham trejeitos, afetações, gestos que remetem a passagens e características míticas. As deusas performatizam mães ancestrais, mulheres sedutoras e enérgicas, lendas aquáticas. A água, talvez seja o elemento mais recorrente das Iyabás. A pesquisa de Jean Araújo sobre os Orixás é ampliada por pinturas que trazem as folhas sagradas destinadas aos encantamentos de cada um dos sete deuses da exposição.

Para além da representação dos corpos negros, vemos, então, plantas comuns, que se espalham por muros, jardins e florestas, mas que guardam segredos em nomes que potencializam ações, como abrir caminhos, vencer demandas e que convivem com a realidade brasileira nas mãos de mateiros indígenas e baba lossains africanos.

Nesta passagem mítica uma Iyabá se protagoniza por ter difundido o segredo das folhas (ewé), antes guardado nas cabaças de Ossain. Oyá, deusa dos ventos e das tempestades, conseguiu espalhar as folhas com o vento e cada deus coletou aquela que, depois, se tornara sua folha característica. Porém, ainda assim, Ossain se manteve regente de todas, fato que nos obriga a lançar moedas e pedir licença ao adentrarmos em qualquer mata.

Nas pinturas de Jean Araújo, vemos, com isso, o surgimento de uma pesquisa que se singulariza na construção de personagens, mas que se irmana na manutenção de invocações ancestrais.

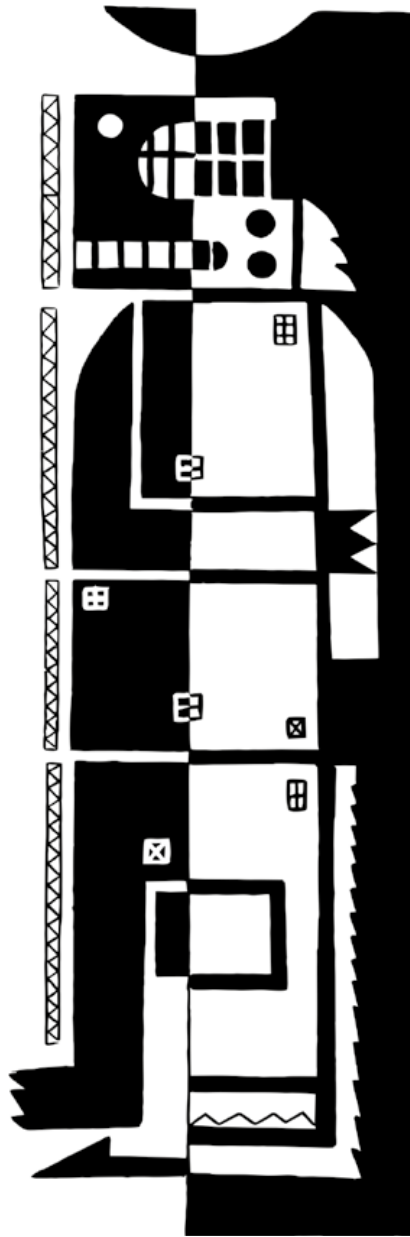
Marcelo Campos



'YÈYÈ ÌPONDÁ'
Série Orixás
Óleo sobre tela
150 x 220 cm

Romário Batista

Inspirado pelas histórias infantis sobre o folclore brasileiro contadas por seu avô, o artista plástico e autodidata Romário Batista criou o Projeto Seres Imaginários, que surge com a proposta de retratar seres lendários e fictícios da crença e da tradição popular. Os tons preto e branco foram usados para criar um contraste e melhor trabalhar o conceito do cultural com o psicológico. O preto se sobressaiu de forma a representar o medo e a curiosidade que esses seres fictícios representam na infância. Assim, o público poderá fazer uma reflexão dos estudos do artista sobre a referência da cor negra nos mitos e nos fatos. Seres Imaginários, além da proposta de retratar esse universo, também busca contribuir para uma conscientização social, uma vez que toda a mostra é realizada com materiais reaproveitados, recolhidos nas enchentes da Grande Vitória, possibilitando assim um reaproveitamento de objetos até então ignorados, sem qualquer outra utilidade depois de terem sido jogados fora. Nasceu em Itamaraju-Ba, em 1975. Artista autodidata, pintor, desenhista e escultor. Ao longo de sua carreira artística teve diversas influências que contribuíram na sua formação - a primeira delas foi a sua avó Hermilina, uma católica assídua e devotada, que inspirou seus primeiros desenhos religiosos, a partir dos seus sete anos de idade. Em meados de 2001, já com crescentes elogios aos seus trabalhos, Romário Batista conheceu o artista e coordenador social Braz José numa associação de artistas locais (Assai), que ficou bastante impressionado pelo estilo expressionista ingênuo e popular do artista. Juntos eles começaram a fazer exposições em feiras e espaços públicos. Passa a ter contato com diversos artistas da Capital, e sua arte torna-se bastante diversificada e mais contemporânea ao utilizar diversos materiais, entre eles objetos descartáveis que são úteis na formação dos seus trabalhos.



'Chupa Cabra'
140 x 41 cm
Sintética s/ chapatex
2012

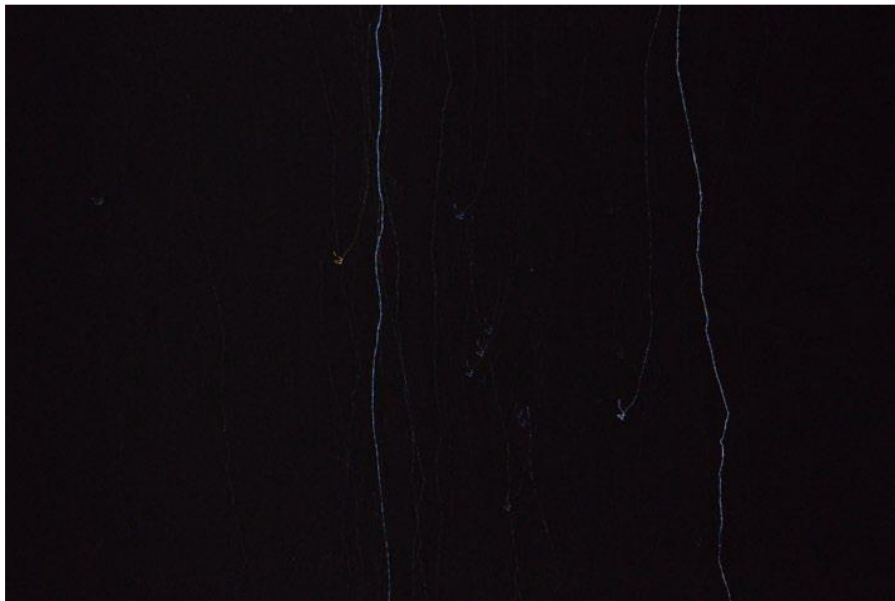
Lorena da Silva Dantas

Lorena da Silva Dantas, ou somente 'da Silva' como assina suas obras, é artista visual pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Membro do coletivo "Remanescentes Gráficos" e do grupo "OLapSo" (Orquestra de Laptops SONatório).

A decisão de seguir rumo artístico veio da necessidade interna de conciliar e singularizar dimensões pessoais, profissionais e transcendentais, através do ofício de despertar e imprimir o subjetivo no concreto. Sua assinatura com o sobrenome mais comum no Brasil reflete o processo dialógico da construção de sua arte, fortemente enraizada numa poética sutil de expressão da subjetividade em meio ao coletivo, refletindo em suas produções aspectos da natureza e cultura vivas em intenso diálogo com o corpo.

Para além do aparente paradoxo entre pessoa e povo, a arte passa então a ser o veículo de um reconhecimento anímico profundo que toca o espiritual e desvela o detalhe.

Os trajetos luminosos gravados nas imagens revelam a visão do céu no coração da Bahia, na Chapada Diamantina. Sob um mesmo firmamento, eis a infinitude das estrelas e o movimento constante da vida: essência efêmera de tudo o que vive, pulsa e sente.



'Linhas diamantinas'
Fotografia digital impressa sobre papel fotográfico.
105 x 72 cm
2016













Claudia Tavares
'Um Jardim em Floresta'
Video art. 13'00

Yara Pina
'Sem título 6'
Sombra agredida com bastões carbonizados
Video art. 16'49
2016

Natalia Coehli
'Descarto-me em Corio'
Video art. 3'03

Luanna Jimenes
'Catequese para o Encarnado I'
Video art. 10'22



Bienal do Sertão de Artes Visuais

Criado em 2012, a ‘**Bienal do Sertão de Artes Visuais**’ tornou-se um espaço de reflexão e entusiasmo pela valorização deste espaço geográfico tão proeminente e forte de solo brasileiro e que andava carente de tal afirmação como valor cultural e avantajadas possibilidades artísticas.

Como uma instituição sem fins lucrativos, que tem como meta a participação unânime de artistas de todas as localidades e nações, e da população em geral (produtores, público leigo, interessados, estudantes, estudiosos, etc.), na interação das obras com a monitoria e nas rodas de conversas com os artistas.

Sua missão é desenvolver projetos culturais e educacionais na área de artes visuais, adotando as melhores práticas de gestão e favorecendo o diálogo entre as propostas artísticas contemporâneas e a comunidade. Acesso à cultura e à arte a milhares de pessoas, de forma gratuita.

Com a ênfase nas ações educativas e os seguintes princípios norteadores:

- * Foco na contribuição social, buscando reais benefícios para os seus públicos, parceiros e apoiadores;
- * Contínua aproximação com a criação artística contemporânea e seu discurso crítico;
- * Transparência na gestão e em todas as suas ações;
- * Prioridade de investimento em educação e consolidação da Bienal como referência nos campos da arte, da educação e pesquisa nessas áreas.

Repercussão positiva na mídia e públicos em geral e nas ações educativas para estudantes, professores, além da formação de novas possibilidades para ao campo das artes visuais entre artistas e jovens.

O comissariado da Bienal atua de forma voluntária e colaborativa com a inserção de apoiadores e artistas vinculados com a responsabilidade de reposicionar noções de curiosidade, criatividade e invenção.

Objetivos:

- *Promover a criação, divulgação, difusão e propostas de obras de arte e projetos curatoriais na/para a região do Sertão Brasileiro.
- *Construir uma plataforma para artistas e curadores de propostas criativas e inovadoras emergentes no campo das artes visuais.
- *Facilitar o diálogo, o intercâmbio e a discussão crítica das práticas artísticas atuais, como o emparelhamento regional, global, seus desafios e oportunidades assim como seu compromisso educacional.
- *Divulgar os resultados, experiências e conclusões da Bienal no Brasil e no exterior.
- *Promover a notoriedade da marca da “Bienal do Sertão”, através da difusão das artes contemporâneas e do apoio ao empreendedorismo criativo.

Valor orientador à seleção, privilegia:

1. Criatividade
2. Cooperação
3. Experiência
4. Inovação
5. Persistência

Apoios à III Edição:

**Prefeitura Municipal de Vitória da Conquista
Secretaria de Cultura, Turismo, Esporte e Laser**



Memorial Governador Régis Pacheco



MUSEU REGIONAL DE
VITÓRIA DA CONQUISTA-BA
Casa Henriqueta Prates



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDESTE DA BAHIA

BAHIA
GOVERNO DO ESTADO

bienal
do sertão
de artes visuais

www.bienaldosertao.wix.com/bienaldosertao